

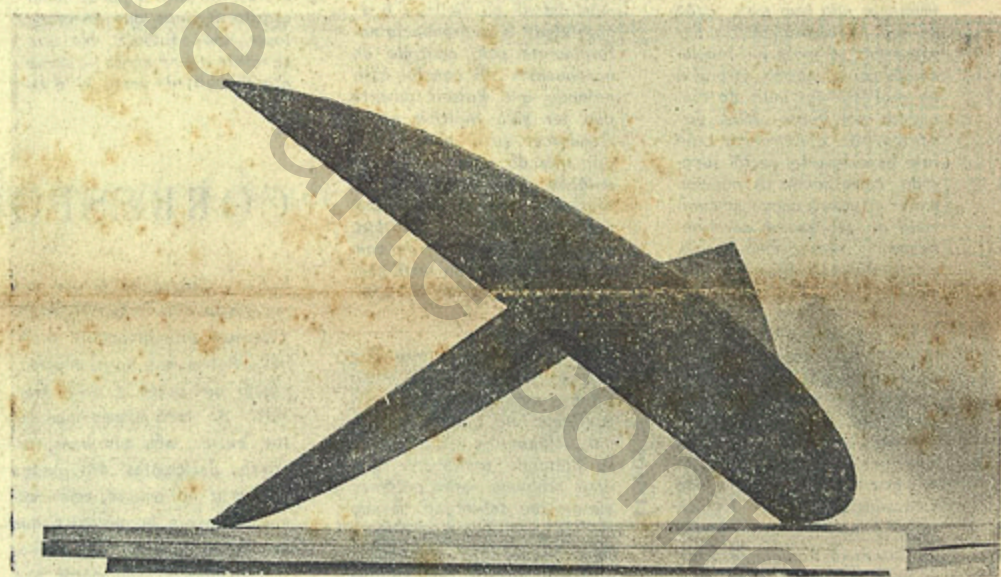


A Condessa Pereira Carneiro, Diretora-Presidente do JORNAL DO BRASIL, na inauguração da Exposição Neoconcreta, aprecia um dos trabalhos de Lygia Clark ali expostos.

Arte neoconcreta agora

O movimento neoconcreto completará em breve dois anos de lançado. O grupo tem hoje o dobro de adeptos que tinha em março de 1959, quando se fez a I Exposição Neoconcreta. Agora, quando a segunda grande exposição do grupo se encontra aberta no Ministério de Educação, vale a pena fazer um balanço do movimento.

Teve o movimento neoconcreto alguma consequência sobre o momento artístico brasileiro? A essa pergunta devemos responder afirmativamente. O simples fato de que sete novos nomes aderiram ao movimento já o demonstra, e tanto mais que alguns desses nomes eram já figuras atuantes no ambiente artístico, como Aloísio Carvão, Hélio Oiticica, Hercules Barzotti, Décio Vieira e Willys de Castro. Acrescentem-se a estes os poetas Cláudio Melo e Sousa, Roberto Pontual e Osmar Dillon. O mais importante, porém, é que as obras e as idéias defendidas no manifesto neoconcreto tiveram repercussão sobre esses artistas, e mesmo sobre outros que seguem direção diferente. O ponto-de-vista neoconcreto, afirmando uma posição corajosa e nova dentro da arte brasileira, abriu perspectivas, recolocou em discussão alguns problemas básicos da arte contemporânea e, sobretudo, repôs o interesse pela pesquisa da expressão além dos limites convencionais dos gêneros. Mas não se trata, aqui, da pesquisa pela pesquisa — e sim da pesquisa pela expressão. São provas disso o êxito alcançado por Lygia Clark em sua recente exposição na Galeria Bonino e o prêmio de viagem do Salão Moderno levantado por Aloísio Carvão. É evidente que repousa na qualidade individual desses artistas o mérito de suas obras mas Lygia e Carvão, como os demais membros do grupo, é que são o movimento neoconcreto, e suas obras se fazem dentro de um espírito comum, geral, que as fecunda e é fecundado por elas. Assim, o movimento vem se ampliando e enriquecendo, firmando-se no julgamento de pessoas alheias a ele e na realização de suas próprias obras. A exposição de março de 1959 foi, sobretudo, uma tomada de posição, e amostra, em germe, de uma nova problemática lançada no campo das artes visuais e da literatura. Em oposição a uma arte caracteristicamente



Uma peça em ferro de Amilcar de Castro



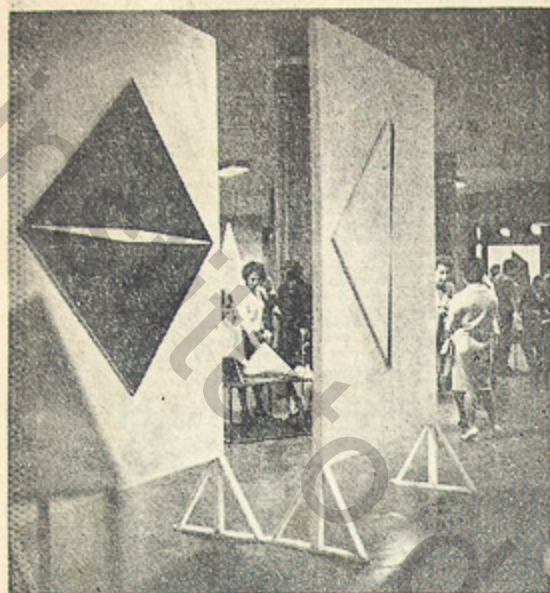
Recinto da Exposição Neoconcreta, vendo-se em primeiro plano uma obra de Hélio Oiticica.

especial, de relações exteriores, os neoconcretos afirmavam uma arte temporal, isto é, de relações interiores, buscando o reencontro da invenção com a expressão. Se a metamorfose incessante é uma fatalidade da arte contemporânea, é preciso que ela se faça em função da intimidade do homem, de suas experiências profundas, pois só assim encontrará ela um controle interno e uma justificação existencial. A metamorfose tem que ser incorporada à obra como elemento fundamental, e a arte deixará de sofrer a mudança para promovê-la, para ser a metamorfose: ela muda para se transformar em si mesma. Os pontos centrais da atitude neoconcreta são, de um lado, essa busca da espontaneidade controlada, que tem tornado dos meios expressivos para recuperar uma objetividade sintética do sensorial e do intelectual; e do outro lado, como consequência inevitável, o desrespeito aos limites convencionais dos gêneros, cuja compartimentação esborra em face das novas necessidades expressivas. Já não

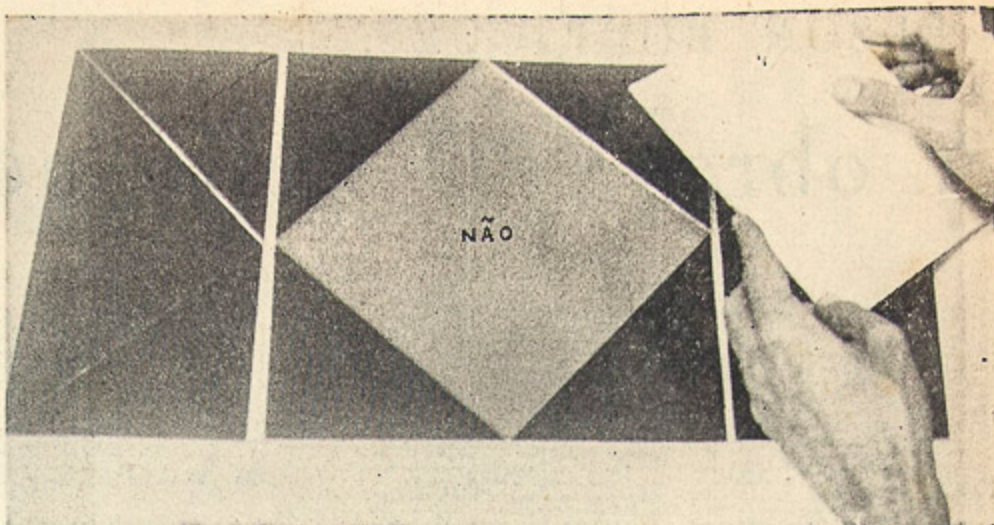
se trata mais de fazer uma escultura, fazer um quadro, fazer um poema, mas de utilizar os instrumentos expressivos — quaisquer que sejam — para dar forma a um conhecimento novo do mundo. Tampouco tal atitude pode ser acusada de nulidade ou de gratuidade. A arte neoconcreta nasceu de uma longa experiência — a da arte construtiva — e as idéias que configuram sua posição não são mais que a consequência, firmada no trabalho criado, do que estava em germe na obra e no pensamento de Mondrian, Malevitch, Pevsner, Wordenbergh-Gilleart etc. Além do mais, essa atitude tem sido fecunda, não só por ampliar teoricamente os horizontes da experiência, como pelas realizações que tem tornado possíveis. As obras de Lygia Clark — seus não-objetos em metal, que ela chama de *bichos* — acabam de ser reconhecidas, pela unanimidade da crítica brasileira, como uma contribuição nova à arte contemporânea. Mas essas obras evoluíram de qual-

quer classificação genérica convencional, e insistir em vê-las como *esculturas móveis* é um modo de aceitá-las no presente mas de negá-las o alcance revolucionário. Na verdade, uma nova relação se estabeleceu ali entre o espectador e a obra, o que vale dizer que um novo tipo de comunicação se faz presente. Que se dirá agora da experiência de Hélio Oiticica, de seus não-objetos em madeira pintada, que nada têm a ver nem com o quadro nem com a escultura? Que se dirá dos livros-poema, dos não-objetos verbais, do livro-em-fim de Reynaldo Jardim? Proponham à crítica despir-se de seus conceitos convencionais para abordar essas obras diretamente, procurando ouvir o que elas dizem por si mesmas, sem o apoio dos gêneros e dos princípios. Mas a exposição neoconcreta não se compõe apenas dessas obras, que podem marcar a vanguarda do movimento. Não são menos importantes — porque alcançam uma expressão nova e pessoal — as obras de Amilcar de Castro, de Décio Vieira, Carvão, Barzotti, Willys de Castro. Todas elas, no seu espírito, na sua proposição fundamental, integram-se na mesma preocupação da arte neoconcreta, e são possibilidades de outros caminhos, além de serem já expressão realizada. Para concluir, devo dizer que a II Exposição Neoconcreta é a confirmação da tese básica do nosso manifesto de março de 1959: a arte não pode ser o produto de princípios apriorísticos. Aquela época, muitos cobraram de nós uma teoria explícita, um programa, um catecismo estético, que não tínhamos e não temos. Em lugar desse programa e desse catecismo, apresentamos hoje nossos trabalhos. Não sabemos, em 1970, se chegaríamos aonde chegamos e não sabemos hoje onde chegaremos amanhã. Sabemos, sim, que a obra futura está contida na atual, e o desdobramento dessa virtualidade é a tarefa de cada um.

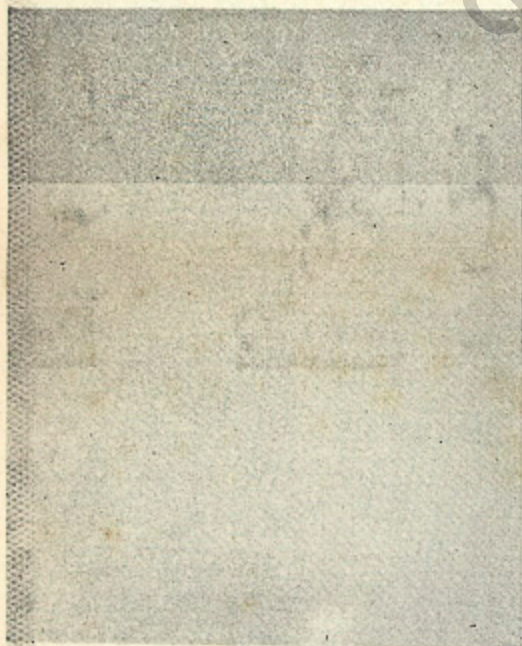
II Exposição Neoconcreta



Trabalhos de Hércules Barsotti.



Poema não-objeto de Ferreira Gullar.



Aloísio Carvão, Pintura sobre tela.



Willys de Castro, Pintura sobre tela.

Balanco do movimento neoconcreto

A II Exposição Neoconcreta, aberta no antigo Ministério da Educação (hoje Palácio da Cultura), reúne 84 obras de treze artistas, que trabalham nos vários campos das artes plásticas e da literatura. Essas obras — que se integram na denominação geral de não-objeto — são manifestações inéditas de expressão que ampliam o horizonte da arte neoconcreta, acentuando o seu caráter vanguardista. Damos abaixo o balanço das atividades do grupo neoconcreto em um ano e oito meses de existência.

Exposições
I Exposição Neoconcreta — Março de 1959 — MAM do Rio. Expositores: Amílcar de Castro, Ferreira Gullar, Franz Weissmann, Lygia Clark, Lygia Pape, Reynaldo Jardim, Theon Spaniádis.

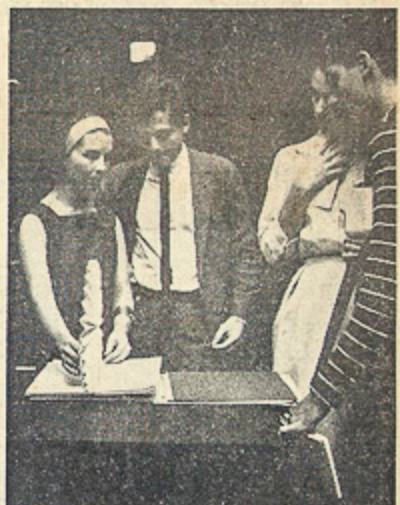
Exposição de livros-poema — Julho de 1959 — JORNAL DO BRASIL. Expositores: Ferreira Gullar, Lygia Pape, Reynaldo Jardim, Theon Spaniádis, Willyls de Castro, W. Surtan.

Exposição Neoconcreta em Salvador — Bahia — Novembro de 1959. Expositores: Aloísio Carvão, Amílcar de Castro, Cláudio Mello e Sousa, Carlos Fernando Fortes de Almeida, Ferreira Gullar, Franz Weissmann, Hélio Oiticica, Lygia Clark, Lygia Pape, Reynaldo Jardim, Theon Spaniádis, Willyls de Castro.

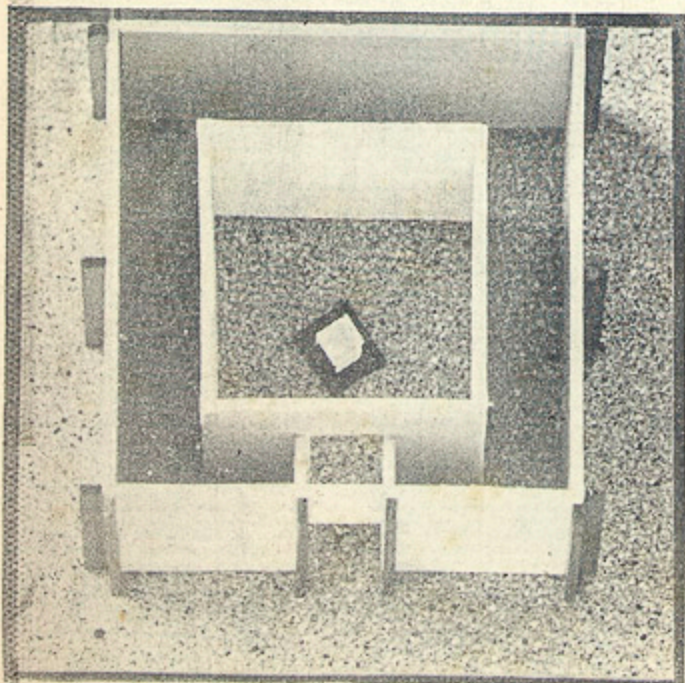
II Exposição Neoconcreta — Novembro de 1960 — Ministério da Educação, Rio. Expositores: Aloísio Carvão, Amílcar de Castro, Cláudio

Mello e Sousa, Décio Vieira, Ferreira Gullar, Hélio Oiticica, Hércules Barsotti, Lygia Clark, Lygia Pape, Osmar Dillon, Reynaldo Jardim, Roberto Pontual, Willyls de Castro.

Publicações
Manifesto Neoconcreto — Março de 1959. Galeria Espaço:
1 — Poemas de Ferreira Gullar
2 — Poemas de Theon Spaniádis
3 — Prosa de Reynaldo Jardim
4 — Poemas de Carlos Fernando Fortes de Almeida
5 — Poemas e gravuras de Lygia Pape
Teoria do não-objeto, de Ferreira Gullar, ed. do SDJB.



Lygia Pape mostra o seu Livro da Criação.



Maqueta do teatro integral de Reynaldo Jardim.



Décio Vieira, Pintura sobre tela.